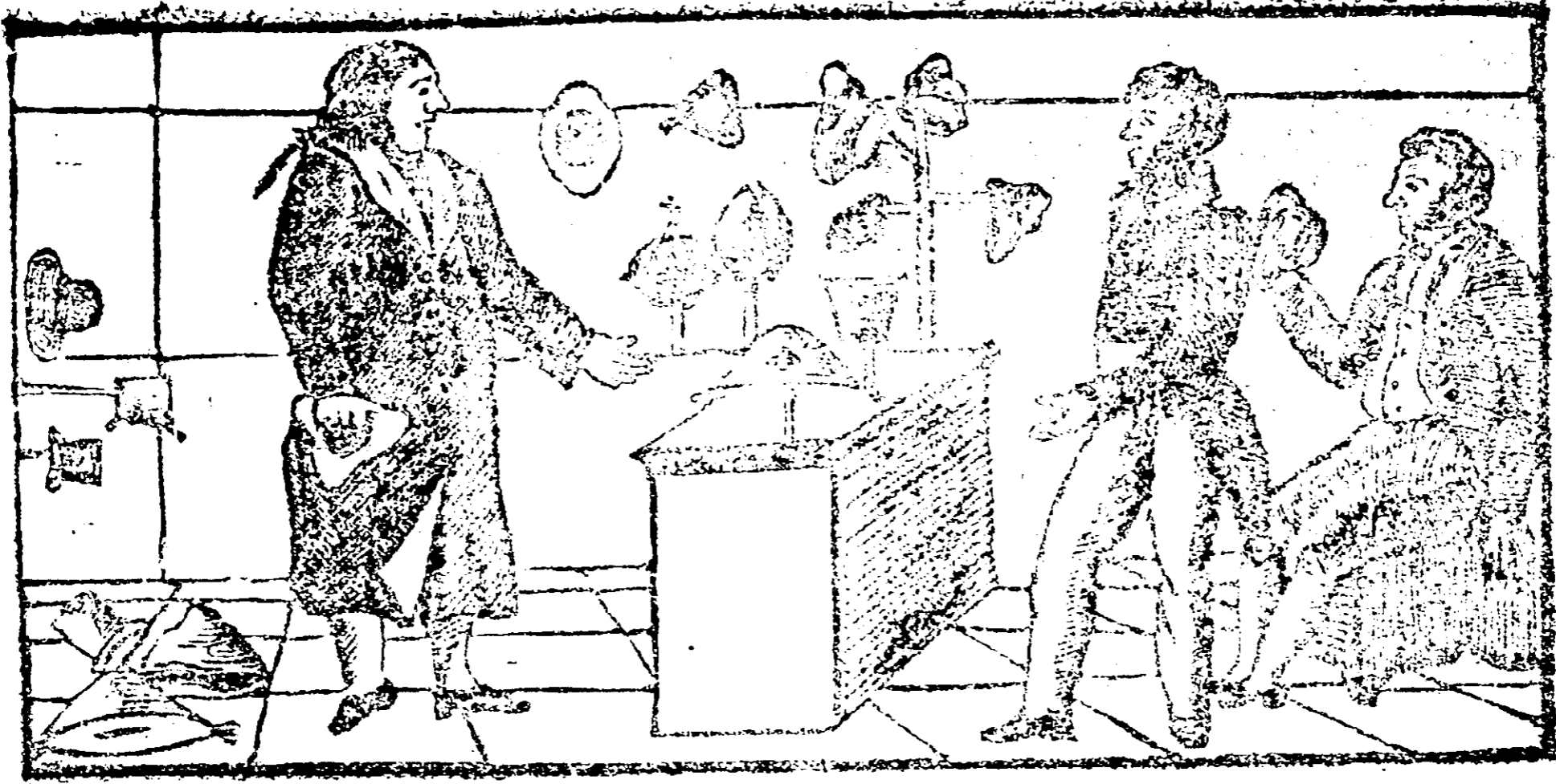


O  
CARAPUCEIRO

18 DE ABRIL  
DE 1838



# O CARAPUCEIRO.

PERIODICO SEMPRE MORAL E SO' PER ACCIDENS POLITICO.

*Hunc servare modum nostri novere libelli  
Parcere personis, dicere de vitiis.  
Marcial. l. iv. epist. 33.*

Guardarei nesta Folha as regras boas  
Que he dos vicios fallar, não das pessoas

” *Obedire superioribus suis* ”  
*Facere obligationem suam taliter  
quqliter.* ”

” *Desinere res ire quó vadunt* ”  
— Ob-decer aos seus superiores —  
--- Fazer a sua obrigação tal, ou  
qual ---  
--- Deixar ir as cousas, como vão ---

que a julgão synonima, da insubordi-  
nação, e d'anarquia. D'aqui a arrogancia,  
o desacato, a sobrançeria, com que  
muitos tractão às Auctoridades, e a  
quantos lhes ficão superiores na gerarquia  
social: d'aqui os sarcasmos, os apodos,  
os insultos, e até as calumnias tão  
facil, e sobejamente prodigalisadas em  
Communicados, e Correspondencias de  
Periodicos em menoscabo dos que estão  
constituídos em poder sobre nós.

Deparei com estas Maximas em hum  
livrinho mui velho, cujo titulo era ---  
*Concelhos aos noviços da Companhia  
de Jezus* ---; e achei-as tão acertadas,  
que as julgo mui proveitosas a todas as  
classes, e condições da Sociedade.

Quem desconhecerá as grandes vantagens  
assim individuas, como geraes de obedecermos  
aos nossos superiores? Esta regra he o primeiro  
fundamento da harmonia social; e da sua infracção  
he, que nascem tantas desordens em o  
nosso Brazil, e em outros muitos paizes.  
A mór parte d'aquelles, que muito fallão  
em liberdade, na pratica mostião,

Legó que hum superior nos chama  
ao cumprimento dos nossos deveres, cobramos-  
lhe averção, julgamos vitalmente offendido  
o nosso amor proprio, rompemos em desabrimen-  
tos contra elle, e procuramos negociar-lhe toda  
a laia de intriga, de descredito, e de ruina.  
O nosso orgulho repelle todo o pensamento  
de obediencia para com os nossos superiores,  
ao mesmo passo que não quer relevar a menor  
falha naquelles, que nos estão subordinados;  
mas sem essa reciproca obediencia as Associa-  
ções humanas serião huma verdadeira  
imagem do inferno, *ubi nullus ordo,*

ILEGÍVEL

*sed sempiternus horror inhabitat.* He preciso, que o filho obedeça ao pai, a mulher ao marido, o soldado ao seu Capitão, o Cidadão ao Magistrado, e todos a Lei. A liberdade, que nos leva a desobedecer às ordens emanadas de hum poder legitimo, não he liberdade, se não licença, anarquia, e transtorno de tudo. Logo obedecer aos superiores he a primeira regra necessaria para a existencia, e prosperidade do genero humano.

A respeito do cumprimento das obrigações aconcelha o livrinho Jesuita, que seja tal, ou qual, isto he; que o não façamos nem com demasiada diligencia, nem tambem preguiçosa, e deleixadamente; por que no primeiro caso pezará sobre nós todo o trabalho; os nossos superiores estarão sempre a encarregar-nos de tudo, em quanto discançaão os madraços, e remissos: no segundo arriscamo nos a ser punidos, mal vistos, e a sermos taxados de relaxação. Este concelho todavia não me parece despido da pécha de comodismo; por quanto o zello no desempenho das proprias obrigações realça o cumprimento destas; e quem se porta a este respeito com frieza, e de hum modo, como violentado perde grande parte do louvor, que lhe caberia, se se mostrasse pressuroso.

O ultimo concelho he de grande ponderação; mas há mister ser devidamente explicado. Quem não se vê encarregado dos negocios publicos, aquelle, por conta de quem não corre nenhum ramo da Publica Administração, a respeito da Politica obrará com muito acerto, se seguir a precitata *Máxima* "*Desinere res ire quó vadunt*" Deixar ir as cousas, como vão. O que succede em huma familia, onde governa o pai, governa a mãe, governão os filhos, governão as filhas? Anda tudo em desordem: a familia desmedra todos os dias, e tal casa he verdadeiramente huma

casa de Orates. Assim he o paiz, onde todos pretendem dirigir o temão dos negocios publicos.

Nem tudo he para todos, nem todos são para tudo. O Sapateiro, por ex., caide em apreseioar-se em fazer calçado, o carpina, o pedreiro, o alfaiate, o ferreiro, &c. &c. nas obras de seus respectivos officios; e deixem, que o Magistrado sentencêe, que o Militar maneje as armas, que o Sacerdote dirija as consciencias, que o Governo ponha em execução as leis, que o Legislador as faça, as modifique, as altere, ou revogue!

Mas quantas vezes observamos o contrario? Quantas vezes vemos querer decidir da Politica quem nunca a estudou, quem até pode ser, que mal saiba ler, e assignar o seu nome? Estão muitas vezes os botequins entupidos de gente: e se hão de tomar o seu chá, ou café, o seu ponche, limonada, capilé, ou sorvete, muitos desses Srs. arvorão-se em Estadistas, e Legisladores. Elles decidem da paz, e da guerra; reprovão esta Instituição, abração aquella, propõe leis, e sobre tudo mostião huma fome terrivel de reformas. Em seu sabio entender o mundo politico anda fóra de seus eixos; por que não se adopta tal, ou tal medida, por que não se estabelece esta, ou aquella disposição; por que finalmente não o encaregão d'algun ramo da publica administração, por que finalmente o homem não governa; que se elle governára, oh! isso era outro cantar, tudo melhoraria de repente: a farinha pôr-se-ia logo a 3 patacas o alqueire da medida velha, a carne a 2 patacas a arroba, &c. &c.

Entre tanto vão ver a esse Alvitrista em sua casa! He perdalacio, desmanchado, improvidente, e tudo lhe vai de mal a pior. Faça-o Fiscal, que seja; e verão, que Empregado deleixado, que homem imprudente, e vo-

luntarioso! A mania de querer governar o mundo até se tem communicado ao Bello Sexo; pois não faltão Senhoras, que dão alvitres, que engendram projectos de Lei, e que querem reformar a Sociedade: e em ellas soltando os diques ao grande assude da lingua, não há força humana, que as possa conter: fallão desinterialmente por horas esquecidas, ellas mesmas muitas vezes não se entendem, nem há quem as entenda. Que huma Senhora falle a respeito de costuras, de rendas, de bicos, lavarintos, e bordados; que arque com sua irmã, com sua prima, com seus Carinhos, com seus Agrados sobre melhora de louçainhas, e perendengues; que profira a respeito de modas decretadas noCodigo dos Figuri-nhos Francezes; que prefira, por ex., os cabellos arrançados no occipital com tranças entremeadas dos mesmos cabellos, e de huma fitinha de veludo encarnado, azul, amarello, &c. de geito, que pareça tal e qual huma pequena rodilha de boceteira *pimpona*; que dê diacões sobre o capitulo *Ciume*, sobre o modo de apouquentar, e fazer remoel-las a hum marido sobre o vastissimo assumpto das murmurações; que apresente os melhores meios de acalentar, desmammar, e dar penso a huma criança; que discorra acertadamente sobre as traças, com que se pode itaquear hum amante, sobre o modo d'escorar o estrago dos annos, &c. &c., cousas são, em que muitas podem ler de cad'tra depois de formadas, e doctoradas: mas que huma Senhora a atire-se a dar alvitres sobre a Politica, a querer, que o Imperio se governe assim, ou as sahy, he em verdade intolleravel.

Deixem pois ir as cousas, como vão todos aquelles, que não tem a seu cargo nenhum rauto de Administração, nenhuma delegação de Poder. Este sabio conselho devera ser abraçado tambem por quantos conhecem, que a sua

diligencia; os seus bons desejos nada aproveitão para arremedear os abusos, &c. &c. Em qual quer estado, ou condição; mas principalmente em corporações muitas vezes he grande acerto "*Desinere res ire quó vadunt*" Deixar ir as cousas, como vão; por q' do contrario o individuo provoca odios, adquire inimigos e nada produz do bem, que desejára. Qual he a instituição humana, que não está sujeita a abusos? Onde existe hum Estado, em que todas as cousas se fação segundo as leis, e conforme aos eternos principios do justo, e do honesto?

Bem sei eu, que o espirito dominante do seculo parece ser o das innovações. Tudo se quer destruir, e muitas vezes sem nenhum outro motivo, se não por que he antigo, e este anathema tem-se extendido até a objectos da Religião. Longe estou da errada opinião dos Estacionarios, e muito mais da d' aquelles, que desejão o regresso. O espirito humano he por sua mesma natureza progressista. Desd'a origem do mundo as Sociedades trabalham por aperfeiçoar-se; e se alguns Povos tem retrocedido da carreira neste, ou n'aquelle seculo de barbaridade, todavia mostram assim mesmo a natural tendencia para o progresso, e caminham mais, ou menos pressurosamente para a civilisação.

Mas todo o progresso nas cousas humanas só pode ser proficuo, quando he gradual, e consequentemente vagaroso. No Moral, e Politico succede o mesmo, que no Phisico. As arvores fructificas primeiro se revestem de folhas; d'ahi desabotoão as flores, destas formão-se os fructos, os quaes pouco, e pouco se vão aproximando á maduração. Nós mesmos nascemos meninos, e completamente estupidos: as nossas faculdades vagarosamente se vão desenvolvendo com os annos: de meninos passamos a rapazes, de rapazes chegamos a ho-

mens feitos. Nada em a natureza se opera de chofre; e por isso não he dado às Associações humanas o vingar de hum salto todos os degraus da civilisação. Muitas cousas releva, que se *deixem ir como vão*, entregues ao seu natural pendor, outras, que se atempem, outras, que se deixem ficar no *Statu quo*; por que pretender mudalas seria muitas vezes destruilas. Toda a Revolução politica, que não procede de revolução nas ideias, e consequentemente nas precisões, nos habitos, e nos costumes he prematura, e perece por intempestiva: e em quanto aquella não chega ao seu complemento, he acerto, he prudencia, he necessidade *Desinere res ire quo vadunt*.

---

*Continuação das Maximas, &c.  
do Marquez de Maricá.*

Não podemos fitar os olhos no sol, nem o pensamento em Deos sem que fiquem deslumbrados.

Para bem fallar não he o saber que falta a muitas pessoas, mas a protervia, e a fiaucia da ignorancia.

A nossa vida he quasi toda hum sonho, e sonhamos acordados mais vezes do que dormindo.

Devemos tractar os homens com a mesma cautela, resguardo, e desconfiança, de que usamos em colher as rosas.

Ter privança com os que governão he contrahir responsabilidade no mal,

que fazem, sem partilhar o louvor do bem, que operão.

( Continuar-se-á. )

---

VARIEDADE.

Anecdotas.

Huma velha, depois de ter feito a sua oração na Matriz diante do altar de S. Miguel, pegou de duas velinhas, e poz accessas, huma defronte do Santo, outra defronte do diabo. Nisto passa o Padre Vigario, e reparando n'aquillo, diz-lhe " O' mulher, que fazes? Não vês, que estás dando culto ao diabo? " Sr. Reverendo Vigario, ( respondeo a velha ) sempre ouvi dizer, que bom he ter amigos em toda a parte; e não sabe a gente onde irá parar depois desta vida; e assim acho acertado não desagradar nem a Deos, nem ao diabo."

Outra.

Hum sujeito, tendo perdido todo o dinheiro ao jogo, como quer que dormisse no mesmo quarto, em que passara a noite aquelle, que lh'o ganhára, espreitou a occasião, em que suppoz ferrado no somno o parceiro, para lhe ir à bolsa: mas este, que estava esperto, calculando os grandes lucros, que tivera, foi apoz d'elle, e travando-lhe do braço, disse-lhe " Que quer, Snr. parceiro, com a minha bolsa? " O que hei de querer? ( respondeo o homem ); eu vim ver, se tirava a desfoira.